

“MM”

Ali estava o corpo sombrio e belo de Capitu.

Pela minha inexperiência, não esperava ser a responsável pela investigação dessa morte, mas ofício é ofício. Assassinato ou suicídio, essas palavras não saíam da minha cabeça. Entretanto, as evidências levantadas ainda não me ajudavam a definir exatamente o que aconteceu. Ao lado da cama de Capitu havia uma arma e o tiro que tirou sua vida era do mesmo calibre e essa foi a única conclusão da autópsia. Diante da escassez de pistas, outro fator agravava minha dúvida: a serenidade no rosto de Capitu. Teria ela própria disparado o tiro e, calmamente, colocado a arma ao seu lado ou alguém apareceu e procedeu com o crime e ali deixou a arma para a simulação de um suicídio? Mais complicado ainda era ver que a arma não trazia impressões digitais. Trata-se de um crime friamente premeditado ou será que Capitu usara um lenço para apagar as impressões... Ah! Outra vez um lenço, e onde ele estaria! Mas e o seu semblante, caso tenha sido um assassinato, por que ela estava tão serena?

Uma vizinha de Capitu compareceu ao departamento e reportou que ela vira entrar um vulto, provavelmente antes de sua morte. Pela delicadeza dos passos, a tal vizinha sugeriu que talvez o vulto se parecesse com o de uma mulher.

No velório, sentia que meu coração pulsava no ritmo cruel: assassinato/suicídio. A primeira a virar-se na minha direção foi Sofia, esposa do Palha e paixão de Rubião. Ela fitou-me tão profundamente que, ao invés de me deixar levar pelos seus olhos e pela batida descompassada de meu coração, fiquei estática e senti meu coração diminuir seu ritmo para a vibração as-sas-si-na. Fiquei confusa e desviei meus olhos dos dela e acabei por me dar com os de Guiomar. Guiomar estava com o seu esposo, Luis Alves, que veio ao meu encontro e

cumprimentou-me com o ar poderoso que sempre teve. Respondi ao cumprimento e vi realmente que estava diante de uma mão com a sua luva, tal qual o par se completava com o sentimento pleno de superioridade.

Não podia imaginar que ia me deparar com essas pessoas e, a cada passo que eu dava, me surpreendia mais. Outro par de olhos que veio na minha direção foi o de Lívia. Logo atrás dela estavam Virgília e Iaiá Garcia, que moveram suas cabeças quando passei. Não creio que todas essas pessoas sabiam quem eu era, mas logo suspeitei que a minha presença fosse esperada por causa da rapidez de Luis Alves em cumprimentar-me. Estava ali diante das principais personagens femininas de Machado de Assis antes de Capitu, só faltara Helena, já falecida. Isso me perturbou muito. Com certeza esperava encontrar ali o próprio Bentinho, mas não, somente essas mulheres e Luís Alves.

A visão dessas personagens me mostrou a perplexidade do caso. E Bentinho, onde poderia estar? É claro que a ausência dele era estranha, pois, em caso de assassinato, ele seria o principal suspeito. Resolvi, depois do enterro, mergulhar nas linhas das vidas dessas personagens, pois nelas, certamente, ia encontrar pistas para todo esse mistério.

Iniciei pela vida de Bentinho. Ciúme doentio com toda a complexidade e vazio do seu ser eram motivações suficientes para o assassinato de Capitu. Lembrando do ciúme, como “monstro dos olhos verdes”¹, veio também à minha cabeça a história de Lívia e Félix em *Ressurreição*, o que já parecia um anúncio do sofrimento de Capitu. As cenas de ciúme de Félix não traziam palavras que pudessem condenar Lívia como suspeita. Entretanto, as palavras que Viana – irmão de Lívia – usava para descrever o caráter e a lealdade dela me deixaram em dúvida sobre sua índole. “Lívia era [...] negligente e ‘meio-douda’, como lhe chamava o irmão; alheava-se muitas vezes das coisas que a cercavam para subir a um mundo

¹ Termo cunhado por William Shakespeare em *Otelo*.

superior e quimérico” (p. 135)². Seria Lívia meio de lua, esquizofrênica? Para complicar ainda mais, deparei-me, novamente, com as palavras de Viana:

Lívia não amava menos [...]. A única explicação que lhe acho é o seu caráter esquisito. O senhor não imagina bem que eterna variação de gênio é aquela môça. Há dias em que se levanta meiga e alegre, outros em que tôda ela é irritação e melancolia. Ninguém a entende, e eu menos que ninguém (p. 135-6).

Meu Deus! Lívia era bipolar! Claro, foi ela, pois, num surto extremo, possivelmente tomada da dor de Capitu, vítima como ela da injustiça e do ciúme, resolveu tirar-lhe a vida para poupá-la de tanto sofrimento. A nobreza do ato não saía da minha cabeça e adormeci imaginando a cena. Talvez a serenidade de Capitu tenha vindo da própria intenção sentida em Lívia.

Revirei-me por horas com a possibilidade desses dois suspeitos e busquei ideias alheias. Foi quando a imagem de Miss Marple³ veio até meus pensamentos. Ah, Miss Marple, o que você faria?

Lembrei-me de Guiomar. É claro, uma das mais ambiciosas personagens machadianas. Com tanta ambição, Guiomar não dava conta de ver Capitu mais importante e mais falada do que ela. E Luís Alves? Definitivamente foi Guiomar e, provavelmente, teve a ajuda de seu esposo. “Duas ambições” (p. 268) juntas, não poderia ser diferente, já que a fama de Capitu incomodava ao casal, pois roubava-lhes a cena. Bingo! Estava convencida e fui em direção à casa dos ambiciosos para iniciar minha investigação.

Ambição por ambição, por que não Sofia? Dirigia e a imagem de seus olhos e o sussurro do batimento do meu coração me faziam lembrar a palavra assassina. Por que não todas juntas, então? Afinal de contas, “Capitu era Capitu!” (p. 839)

² Citações retiradas de ASSIS, Machado de; COUTINHO, Afrânio. Obra completa. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1962, vol. 1.

³ Personagem-detetive de Agatha Christie que participou de vários suspenses dessa autora.

Quando achei que tinha a solução, a dúvida cercava minha mente. Desviei. Recordei o testemunho da vizinha de Capitu e resolvi interrogá-la. Fui bem recebida e a expressão da vizinha tentava me dizer alguma coisa. Fiquei com a vizinha por quase duas horas, andamos ao redor da casa de Capitu e ela ia me contando o que vira. O vulto, como dito antes, parecia com o de uma mulher e ela insistia nisso. Ao sair, a vizinha me acompanhou até a porta e quando já me dava por vencida, por cansaço e desânimo, escutei a vizinha dizendo, coxa! Virei em sua direção e ela fechou a porta, bati incessantemente, mas ela não abriu. Coxa! O que é isso! Busquei em meus traços de memória se havia alguma referência à coxa nos textos de Machado e não me recordava de nada. Coxa de perna, coxa de mulher manca, coxa de quê?

la ruminando essa palavra e nada, simplesmente nada vinha a minha mente. Voltei aos primeiros romances e nada. Fui a uma coletânea de contos e nada. Voltei para os romances e procurei fielmente a tal coxa em *Dom Casmurro* e, de novo, nada. Dormi com o nada e acordei com o nada. Já totalmente sem esperança de achar a resposta nos livros, peguei *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Estava ali, numa miséria espiritual tão grande, numa sensação de impotência tão cruel que eu era verdadeiramente o verme para quem o livro fora dedicado. O desânimo ia aumentando e pensei em desistir. Levantei para tomar um ar puro e o livro simplesmente caiu do meu colo. Quando abaixei para pegá-lo, na página aberta li o capítulo “Coxa de nascença”. A minha palavra estava ali. Obra do acaso? Ajudinha do próprio Brás Cubas? Sei lá!

Ali estava a coxa, a mulher manca, Eugênia, e fiquei me condenando porque não me lembrava dela. Saí rumo ao cortiço, próximo ao hospital da Ordem, onde o próprio Brás a vira pela última vez. Ao entrar no cortiço, perguntei por Eugênia e uma senhora me disse que ela estava em sua alcova esperando por mim. Não entendi exatamente o que ela quis dizer e apenas achei que a mesma não gozava de seu juízo perfeito. Bati na porta da alcova e uma voz trêmula respondeu:

- Entre, pois eu já esperava por você.

Que cena confusa, mas a confusão passou quando vi a figura de uma mulher. Ela virou-se em minha direção, mas a única coisa a que eu conseguia prestar atenção era os seus pés. Ela, vendo os meus olhos, disse:

- Coxa. “Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! [...] Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?” Uma “Vênus manca” [...] “Pobre Eugênia” (p. 552), “A flor da moita” (p. 552).

Não sabia o que responder e tentei elaborar umas perguntas para confirmar a sua ida à casa de Capitu, mas estava longe da minha razão. Nossos olhos se entrecruzaram e consegui murmurar um simples “por que” e ela me respondeu:

- Você ainda quer mais? Tenho ainda algumas palavras que me definiam: “triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa” (p. 554).

Continuei sem resposta. Calmamente ela veio em minha direção, estendeu seus braços e disse:

- Vá, me prenda, diga a todos que decifrou o assassinato de Capitu e que quem a matou foi EUGÊNIA, simplesmente, EUGÊNIA.

Miriam Piedade Mansur Andrade⁴

⁴ Mestre em Estudos Literários – Literaturas de Expressão Inglesa - FALE / UFMG; Doutoranda em Literatura Comparada – FALE / POSLIT / UFMG